

The image features a high-angle, aerial photograph of a Gothic cathedral, likely the Sé de Évora in Portugal. The cathedral's intricate stonework, including flying buttresses and a tall spire, is clearly visible. A large, semi-transparent circular inset on the left side of the image provides a magnified view of the cathedral's exterior details, such as the flying buttresses and decorative carvings. The background shows a green landscape with some buildings and a road.

ARTE, MEMÓRIA E GUERRA NOS CONTEXTOS IBÉRICOS E ESLAVOS

ALDINIDA MEDEIROS, BEATA CIESZYNSKA,
FABIO MARIO DA SILVA
(organização)

**ARTE, MEMÓRIA E GUERRA
NOS CONTEXTOS IBÉRICOS E
ESLAVOS**

FICHA TÉCNICA

Título: *Arte, memória e guerra nos contextos ibéricos e eslavos*

Organização: Aldinida Medeiros, Beata Cieszynska, Fabio Mario da Silva

Colecção: Biblioteca Ibero-Eslava

Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Edição: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, 2021

ISBN – 978-989-8577-46-7

Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projecto “UIDB/00077/2020”

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional.



Índice

| | |
|--|-----|
| Introdução | 7 |
| Aldinida de Medeiros, Ana Flávia da Silva Oliveira O cerco de Lisboa: a versão de José Saramago sobre outra guerra no Portugal Medieval | 9 |
| Anna Kalewska A poesia polaca antes e depois da ruptura de 1989 | 25 |
| Elena Bollinger “A voice speaking from the heart”: an absence of memory of a memory in Julian Barnes’s <i>The Only Story</i> | 41 |
| Gueorgui N. Hristovskiy, Elena N. Remchukova, Viktoriia A. Omelia- nenko Algumas marcas literárias na publicidade nacionalmente orientada na Rússia | 51 |
| Iłona Copik Difficult beginnings of new reality — Polish films in the time of the 1989 breakthrough | 65 |
| Isabel Morán Cabanas Ecos da revolução de 1932 n’ <i>O meu Portugal</i> , de Guilherme de Almeida | 77 |
| Jair de Almeida Junior Aproximações entre a 1. ^a Guerra Mundial e a Guerra do Contes- tado: Guerra em dois mundos | 89 |
| Juliana Cristina Bonilha Ecos da Primeira Guerra na <i>Revista Feminina</i> (1915-1918) | 109 |
| Magdalena Bąk A Polish interpretation of the Battle of Alcácer Quibir in Aleksan- der Przewdziecki’s drama | 121 |

| | |
|--|-----|
| Maria do Carmo Mendes | |
| “ <i>Da guerra para a paz?</i> ”: visões da Primeira Guerra Mundial em Aquilino Ribeiros | 129 |
| Paulo Guerreiro | |
| A Arte na Extraordinária Lisboa dos anos 50 e 60 do século XX | 137 |
| Piotr Dobrowolski | |
| Dramatic polylogues: Theatrical images and testimonies of war as an alternative to the national politics of memory in Poland | 153 |
| Romilton Batista de Oliveira | |
| Lobo Antunes e Primo Levi: Memória e trauma sob comando da escrita sobrevivente | 165 |
| Teresa Fernandes Swiatkiewicz | |
| A guerra em discurso indireto na poesia de Wisława Szymborska | 183 |
| William Sampaio de Lima Sousa | |
| The short twentieth century: the fall of the wall and the aesthetic ruptures in literature (Borges, Joyce, Kafka) | 199 |

ECOS DA REVOLUÇÃO DE 1932 N’O MEU PORTUGAL, DE GUILHERME DE ALMEIDA

Isabel Morán Cabanas ¹

Da vida de Guilherme de Almeida (1890-1969), o cognominado Príncipe dos Poetas Brasileiros, fez parte um ano de desterro em Portugal pelo seu apoio à causa constitucionalista, que fez com que ele se alistasse como soldado raso na revolução de 1932. No total, foram quase três meses de combate (de 9 de julho a 4 de outubro), com um cômputo oficial de 934 pessoas que perderam a vida, embora estimativas vinculadas a outras fontes cheguem a calcular bastante mais do dobro dessa cifra, já que numerosos lugares do interior do estado de São Paulo sofreram importantes e graves perdas. O fato desencadeante do conflito foi a morte pela polícia de quatro jovens em maio na Praça da República: Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, que passaram a ser conhecidos como mártires da resistência. As suas iniciais (MMDC, a modo de sociedade secreta) converteram-se, com efeito, em símbolo do movimento, tal como mostra o conjunto de diversos cartazes de convocação de voluntários ou cartões-postais com inscrições do tipo *Pro brasilia fiant eximia* (“pelo Brasil faça-se o melhor”), *Non ducor, duco* (“não sou conduzido, conduzo”) e *In Hoc Signo Vincas* (“Com este sinal vencerás”)².

¹ Universidade de Santiago de Compostela.

² Entre outros estudos iluminadores acerca dos elementos da expressão plástica com fins publicitários que acompanhou o movimento, pode-se ver o estudo da historiadora Vavy Pacheco Borges, *Memória Paulista* (São Paulo, Edusp, 1997), em que se analisam os textos e aquarelas de Alfredo Feijó (1894-1973, que combateu nesta revolução, a partir do material contido em dois diários conservados no Museu Paulista da USP e no Museu da Polícia

Guilherme de Almeida foi preso no dia 10 de outubro e enviado para a Casa de Detenção do Rio de Janeiro, partindo daí para Recife e seguindo posteriormente, por via marítima, para a Europa com dezenas doutros paulistas (civis, oficiais do exército e oficiais da força pública) que também tinham defendido abertamente a causa em questão. Todos viajaram a bordo do navio chamado Pedro I, de que mais adiante falaremos, e iniciaram o seu exílio transoceânico. Durante o tempo que o escritor viveu em Portugal escreveu um conjunto de crônicas em que recolheu uma série de experiências autobiográficas e evocações históricas, as quais foram publicadas inicialmente na imprensa brasileira e depois compiladas no volume *O Meu Portugal. Crônicas de um desterro* (1933) pela Companhia Editora Nacional. Como parte das atividades de comemoração do Ano de Portugal no Brasil e do Ano de Brasil em Portugal, este foi ainda reeditado pela Annablume e pela Casa Guilherme de Almeida, museu biográfico-literário de São Paulo, com estudo introdutório, notas e comentários por Maria Isabel Morán Cabanas (Universidade de Santiago de Compostela) e Ulisses Infante (Universidade Estadual Paulista).

Já através do próprio título o autor de São Paulo quis manifestar gratidão pela proteção que Portugal lhe prestou durante o seu exílio e o extraordinário afeto simpatia com que o acolheu. Nas páginas preambulares da obra insiste também nessa cordialidade, cumplicidade e hospitalidade, qualificando o país como “o amigo certo do momento incerto” e detendo-se em apreciações morfológico-semânticas para justificar a anteposição do possessivo *meu*: “pequeno e enorme adjetivo que apenas se dá ao que se quer tanto quanto a si mesmo”. Na verdade, Guilherme de Almeida foi recebido em Lisboa com honras de herói e como um dos maiores criadores da língua, tal como ele próprio reconheceu no discurso de recepção na Academia das Ciências de Lisboa, pronunciado no dia 22 de dezembro de 1932. Diz o recém-chegado:

Mal sei dissimular a emoção de aqui estar; e mal responder às palavras boníssimas dos mestres insignes [...] e mal proferir a banalidade do meu ‘muito obrigado’ ante a benevolência, bem pouco merecida, deste vosso largo acolhimento. Mal, bem mal, o sei fazer.

Militar. Alguns dos mais célebres ícones são, sem dúvida, os cartazes cheios de cor com mensagens muito diretas para conseguir a adesão e até empatia da população, dos quais encontramos inúmeras representações divulgadas atualmente online, tal como acontece no site <https://seuhistory.com/noticias/propaganda-de-guerra-cartazes-da-revolucao-de-32>, consultado a 14 de janeiro de 2018.

Ora, tal sensação de mal saber – indício firme de bem sentir – vem-me desconcertando todo, desde que, primeira vez em minha vida, me vi por águas e terras de Portugal. Um arrepio de surpresa ganhou-me inteiro, logo à visão inicial destas gentes e destas coisas. Não surpresa vulgar de ‘conhecer’; mas estranha, desacostumada surpresa de ‘reconhecer’³

Perante qualquer comentário acerca da estada de Guilherme de Almeida em Portugal torna-se imprescindível trazer à memória a campanha de relacionamento empreendida por intelectuais de ambos os lados do Oceano que já se vinha levando a cabo havia mesmo algumas décadas. Assim, quando este fala perante os membros da mencionada instituição, citando, em primeiro lugar, a acolhida de Júlio Dantas que a presidia naquela altura e que colaborou em quase todas as publicações nacionais (*Diário Ilustrado*, *Novidades*, *Correio da Manhã*, *Ilustração Portuguesa* e, mais tarde, no *Primeiro de Janeiro e Comércio do Porto*) e em várias estrangeiras, entre as quais se destaca o *Correio da Manhã* do Brasil, país a que viajou em missão diplomática, mostrando um forte empenho em fortalecer os vínculos de diversos ângulos⁴.

Guilherme de Almeida responde igualmente às palavras de receção de Joaquim Leitão, secretário-geral da Academia das Ciências, que também manteve contatos institucionais e intelectuais com o Brasil, sendo um assíduo colaborador dos meios da imprensa mais conhecidos desse país naqueles anos e correspondente da Academia Brasileira de Letras. E, em terceiro lugar, o paulista lembra o nome de João de Barros, secretário geral do Ministério da Instrução e ministro dos Negócios Estrangeiros, de cuja atividade sobressai o interesse na aproximação luso-brasileira. Assim, foi a partir de uma viagem sua ao Brasil que se conseguiu obter certas garantias de contribuição financeira para diversos projetos de cooperação entre um e outro lado do oceano, como o da revista *Atlântida* (1915-1920), da qual sairiam do prelo doze volumes⁵.

³ Guilherme de Almeida, *O Meu Portugal. Crônicas de um desterro*, São Paulo, Anna-blume / Casa Guilherme de Almeida, 2016, p. 31.

⁴ Em tal sentido, cabe sublinhar, por exemplo, o seu papel na elaboração de um acordo ortográfico com o Brasil: em 1936 a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras esforçaram-se na procura de uma ortografia comum, chegando a firmar um acordo preliminar em 1931, tratando de agilizar assim um processo de convergência das ortografias dos dois países.

⁵ A aproximação luso-brasileira era defendida explicitamente por eles não só pelas simpatias espirituais das tradições do passado, mas também pelas conveniências no futuro: Portugal

Quanto à atividade jornalística de Guilherme de Almeida, lembre-se que já era mesmo intensa antes do seu exílio em Portugal. Assim, por exemplo, em 1926 iniciou o seu trabalho como redator d' *O Estado de São Paulo*, onde dez anos mais tarde assinará a coluna de crítica de cinema “Cinematógrafos” sob o pseudônimo de G., que culminará na vinda a lume de seu livro *Gente de cinema*. Em 1927 encarregou-se de escrever “Pela cidade” nas páginas do *Diário Nacional*, desta vez sob o nome tão significativo de Urbano. Em 1929, como Guy, assumiu a publicação diária de “A sociedade”, onde comentava os eventos da elite paulistana, e “Cosmópolis”, sobre os bairros estrangeiros, com os seus tipos e costumes. Também essa última foi redigida para *O Estado de S. Paulo* e, algumas décadas depois, editada num volume sob o mesmo título para a venda em livrarias (1962). E, sobretudo, tenha-se em conta que o seu intervencionismo político no contexto da revolução também se projetou através da atividade no *Jornal das trincheiras*, distribuído no próprio campo de batalha entre 14 de agosto e 25 de setembro de 1932⁶. Sendo primeiramente combatente na cidade de Cunha, pouco tempo

representava para o Brasil os espíritos cultos e patrióticos, a força da tradição histórica, enquanto que o Brasil representava para Portugal um ímpeto de civilização, a melhor força do futuro e a garantia de expansão (Rita Correia, Ficha histórica: *Atlântida, mensário artístico, literário e social para Portugal e Brazil* (1915-1920), Lisboa, Hemeroteca Municipal, 2008. Disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Atlantida.pdf>, consultado a 31 de Junho de 2017). Conforme explica João de Barros, pretende-se garantir uma continuidade, sem deixar passar um momento excepcional e correr o risco de que outros países mais fortes e audazes suplantem “a força de tradições, do sentimento, dos interesses que, por lógica do passado e por naturais aspirações do futuro, absolutamente nos pertencem em primeiro lugar” (*A aproximação luso brasileira e a paz*, Lisboa, Allaud e Bertrand, 1919, p. 32). Precisamente desta foi também diretor o carioca João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) “um velho e constante amigo de Portugal”, que compôs *Portugal d'Agora*, compilação de onze crônicas publicadas previamente nas páginas da *Gazeta de Notícias* como expressão de vontade de conciliação com terras dos “ilustres avós”, contrastando com uma atitude de antilusitanismo que se alastrava ainda no Brasil e era animada, em certa medida, pelos jornais nacionais nas primeiras décadas de século, tal como comentam Gladys Sabino Ribeiro em “Antes sem pão do que sem pátria. O anti-portuguesismo nos anos da década de 1920”, in *Convergência Lusítada. Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces*, Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura, 2001, v. 2, pp. 147-162 ou Luci Ruas em “Fialho de Almeida e João do Rio. Portugal entre ressentimento e fascínio”, *Revista Letras*, n.º 59, janeiro/junho, 2003, pp. 185-195.

⁶ Para uma tentativa de mapeamento da produção jornalística do escritos e um cotejamento das relações entre as obras de criação literária e a escrita destinada à imprensa, tendo também em conta o seu espólio epistolar e prestando atenção às correspondentes conjunturas históricas, convém reparar no estudo de Michelle Moreira Braz, “A produção jornalística de Guilherme de Almeida”, in *XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, São

depois do seu alistamento, foi convocado para regressar à capital a fim de encarregar-se como redator-chefe das catorze edições desse meio.

Torna-se difícil identificar imediatamente a equipe da fundação e os colaboradores de tal publicação, devido ao seu anonimato. Na verdade, apenas se declara ali que a direção se tinha integrado nos batalhões beligerantes, mas através das iniciais subscritas “nota-se a participação de jornalistas e intelectuais vinculados a *O Estado de S. Paulo*, como Vivaldo Coaracy e Guilherme de Almeida, e outros partidários da pugna como Alfredo Ellis Júnior, Alexandre Marcondes Marconato e Mário de Andrade, entre outros”⁷. O mérito das suas páginas reside não só na ampla circulação que atingira, junto com os programas radiofónicos, em grande parte dos campos de combate paulistas e do Rio de Janeiro, mas na sistematização de propostas publicitariamente exploradas noutros meios de comunicação, assumindo a liderança quanto à beligerância e estabelecendo os principais pontos de contato entre militares e civis:

Como porta-voz do Comando Supremo da Revolução Constitucionalista, o *Jornal das Trincheiras* propunha-se a falar diretamente aos defensores da lei, esclarecendo-lhes todas as dimensões do conflito. Tratando-se, pois, de iluminar as consciências e demonstrar o verdadeiro caráter da pugna, a primeira tarefa a que se dispôs enfrentar o jornal recairia sobre a repulsa à propaganda veiculada pelo Governo Provisório

Contra as argumentações articuladas pelos adversários durante o primeiro mês da luta, divulgadas através das rádios cariocas e dos panfletos clandestinos, geralmente lançados por aviões *ditatoriais* sobre o estado de São Paulo, a LDP [Liga de Defesa Paulista] manifestou-se já na matéria inicial do primeiro número do jornal, no dia 14 de agosto, reproduzindo integralmente o pronunciamento que foi divulgado pelas rádios e jornais da grande imprensa em 9 de agosto, feito pelo general Bertholdo Klinger, comandante em chefe do Exército Constitucionalista⁸.

Paulo, Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016, pp. 1-15. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0723-1.pdf>, consultado a 3 de agosto de 2017.

⁷ João Paulo Rodrigues, “Um confronto de palavras e ações: o *Jornal das Trincheiras* em cena na Revolução Constitucionalista de 1932”, *Revista Territórios e Fronteiras*, v. 3, n.º 1, Jan/Junho 2010, pp. 175-200. Disponível em <http://ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/60/59>, consultada a 1 de maio de 2018.

⁸ *Ibidem*, p. 178.

Embora nas fases finais do confronto o apelo à tradição se tenha manifestado no *Jornal das Trincheiras* com maior ênfase, ao longo de toda campanha proselitista ligou-se ali reiteradamente à luta vivida em vários episódios históricos, entre os quais ganhou relevo, naturalmente, a independência do Brasil, efetivada nas terras de São Paulo. Procurou-se assim a legitimação do estado como defensor da liberdade nacional e, com efeito, no artigo intitulado “7 de Setembro”, assinado por Guilherme de Almeida, declara-se que a liberdade conquistada com tanto esforço por São Paulo estava a ser posta em risco devido à corrupção de “um grupo de aventureiros desde 1930, contra os quais seria preciso *demonstrar nossa grandeza*”⁹.

Nem é preciso sublinhar que, após o seu desterro e retorno ao Brasil, Guilherme de Almeida continuará a trabalhar neste âmbito, sendo, de facto, eleito como Presidente da Associação Paulista de Imprensa em 1937. Aliás, a sua atenção ao mundo lusitano é igualmente anterior à sua viagem como exilado, tal como fica evidenciado numa série de reportagens sobre imigrantes em São Paulo, redigidas em 1929 e, como já se disse acima, reunidas depois no livro *Cosmópolis*, incluindo o texto “Os simples”¹⁰, referência explícita a Guerra Junqueiro, então muito prestigiado nos meios intelectuais brasileiros. E, ainda, numa outra crónica redigida para a imprensa nesse mesmo ano evoca a obra do pintor António Carneiro, que passou um período da sua vida no Brasil, aquando da exposição das suas telas no Edifício Glória, em São Paulo, como “a epopéia de um sangue forte e sentimental”, que gosta da grande aventura cavalheiresca como gosta do pequeno namoro de aldeia; que compõe uma estrofe heróica em oitava rima, como grava a ingenuidade de um coração numa arrecada de filigrana de ouro; que ama com a mesma dose de amor a arquitetura grandiosa dos velhos conventos dourados e os terreirinhos ao sol; etc. Equipara a empatia que o pintor lhe produz a “uma espécie de saudade de mim mesmo” e afirma que os homens familiares que ele retratou se tinham fixado na sua imaginação tal como tinham nascido do seu pincel: “Assim, para mim, a arte de Antônio Carneiro era como um meu olhar estranho, separado, perdido de mim no tempo e no espaço; um meu

⁹ E, ainda, na luta constitucionalista se entrevia um componente religioso, veiculado por meio de artigos que mostravam a confluência do espírito e disposição da pugna atual com o ânimo sagrado de figuras bíblicas como Job ou o génio das cruzadas medievais: “Não há, no movimento épico das nossas forças, interesses políticos... Há apenas um ideal... Existe, em mãos de infiéis um Santo Sepulchro que os Cruzados paulistas vão libertar” (*Jornal das Trincheiras*, 08/09/1932).

¹⁰ Guilherme de Almeida, *Cosmópolis*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1962, p. 72.

olhar alheio e diferente, que andasse longe, vindo por mim as coisas que eu nunca vi... ”¹¹.

Os textos que constituem o livro *O Meu Portugal* refletem de forma reiterada, precisamente, sobre as raízes culturais, os elementos e as personagens que atingiram na realidade histórica e/ou no imaginário o *status* de símbolos e líderes da nação. O autor também insiste sempre aqui na sensação de reencontro, definindo a sua chegada a Lisboa como “uma abertura a um mundo que já sentia dentro de si” e que lhe permitiu desvendar sombras interiores:

Não fui ‘conhecendo’: fui ‘reconhecendo’ todos e tudo. Chego a crer que, como no globo terrestre, também havia, no globo dos meus olhos, um outro hemisfério, para mim inédito, onde isto tudo que aqui está vivia, mas ainda ignorado, voltado ainda para as minhas muitas sombras interiores (...).

Começou a aparecer e teimosamente colocar-se antes de cada palavra, que eu sentia, pensava ou dizia, este prefixo: ‘RE’. Sempre, insistentemente, antepunha-se a todas as minhas expressões, desvirginando todas as minhas impressões, a partícula pequenina que faz a gente voltar atrás no tempo e no espaço (...). Em vez de ver, eu revia; em vez de viver, eu revivia¹².

Já na primeira crónica conjuga-se o canto às origens com a exaltação da Saudade, sentimento que aparece personificado por Guilherme de Almeida como uma bela dama medieval, designada como a Clandestina, que volta ao seu país de origem, bronzeada e tropicalizada pelos ares e o sol e coberta de um não-sei-quê de mistério:

Não há mulheres a bordo? Há.

Viaja conosco uma passageira clandestina, de volta a Portugal, seu país de origem.

Vive toda e sempre escondida. Nem a oficialidade, nem o pessoal de bordo, nem os agentes de polícia que nos espiam [...] — ninguém, ninguém notou ainda a sua presença entre nós, na prisão flutuante [...].

Quando ela veio de Portugal, era loira e leve: parecia a “velida” de D. Dinis, a “ben talhada... Mas aqui, nos trópicos americanos, queimou-se de sol e amolentou-se no balanço das redes e das palmas.

¹¹ Aline Ulrich, *Guilherme de Almeida e a construção da identidade paulista*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-03042008-132431/pt-br.php>. Consultada a 6 de janeiro de 2018.

¹² Guilherme de Almeida, *O Meu Portugal...*, *op. cit.*, p. 31.

E eis, agora, regressa mais lânguida e mais humana à sua pátria. . .
Viaja conosco uma passageira clandestina de volta a Portugal, seu país
de origem.
Ela é a Saudade¹³

O navio em que viajaram os paulistas desterrados do seu país e a Saudade mascarada ou travestida numa enigmática passageira clandestina é o conhecido, ironicamente, como D. Pedro I, nome do primeiro imperador e chefe de estado do Brasil, designado como Rei-Libertador pela sua defesa da independência nacional — em Portugal, no entanto, tornou-se o Rei-Soldado, por combater o irmão D. Miguel na Guerra Civil de 1832-1834. A embarcação fora comprada na Austrália, afundou após a primeira viagem pela costa e teve de ser afastada de serviço. Em 1931, obteve-se a licença para que voltasse a navegar, tendo sido aproveitado como cargueiro até que, um pouco mais tarde, o governo o requisitou como presídio flutuante¹⁴.

Na verdade, nas crónicas em questão sobressaem as leituras que o paulista fez da lírica medieval galego-portuguesa sob uma auréola de glorificação e mitificação na sua qualidade de lugar matricial da comunidade linguística e espiritual da lusofonia — é esse o universo literário que recriará, de facto, nos versos que integram a série *Cancioneirinho*, do livro *Poesia Vária* (1947)¹⁵. Tais olhares sobre o património cultural fazem parte de um intenso processo de imersão que se explicita na crónica “Regresso à origem”¹⁶, dedicada ao pinhal de Leiria e a história / *estória* da madeira com que os portugueses construiriam as naus que serviriam de meio para levar a cabo as aspirações oceânicas que marcaram o futuro de Portugal a partir da empresa de figuras como Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral — precisamente sobre ele se detém Guilherme de Almeida, relatando o encontro de um documento relativo às instruções que lhe tinha dado rei D. Manuel na Torre do Tombo.

¹³ *Ibidem*, pp. 17-19.

¹⁴ Depois de terem saído nele, os principais líderes do movimento em questão passaram para a embarcação Siqueira Campos, que, a 18 de novembro, chega a Lisboa. Vejam-se, entre outros, os estudos de Paulo de Assunção, *A Revolução de 1932. O princípio de um fim* . . . , São Paulo, Clube de Autores, 2013, p. 87 ou Hernani Donato, *História da Revolução Constitucionalista de 1932*, São Paulo, Ibrasa, 2002, p. 148.

¹⁵ Maria Isabel Morán Cabanas e Ulisses Infante, “Estudo introdutório”, in Guilherme de Almeida, *O Meu Portugal*, *op. cit.*, pp. 55-63 e Ulisses Infante, “A poesia de Guilherme de Almeida: de tradição e silêncio”, *Agália*, n.º 103, 1.º semestre de 2011, pp. 77-101.

¹⁶ Guilherme de Almeida, *O Meu Portugal*, *op. cit.*, pp. 191-200.

Lisboa torna-se uma personagem animada e a sua descrição envolve-se num tom marcadamente hiperbólico. Neste sentido, destaca-se o jogo verbal que Guilherme de Almeida estabelece com o adjetivo “boa” e o superlativo correspondente: “LISBOA... Só ‘boa’? Não! É lis... ótima!”, reiterando: “Ótima! / É mesmo, em tudo e em todos, uma fartura, uma riqueza, um excesso de bondade que transborda”¹⁷. O cronista remete o leitor para uma orgia de todos os sentidos, incluídos o sabor: ginjinha, vinho do Porto ou bolos de chantili da pastelaria Bérnard, reiterando as alusões à abundância. Na cidade do Tejo tudo “se duplica, decuplica e centuplica”, incluído o afeto mostrado aos exilados da revolução paulista de 1932, aos quais Guilherme de Almeida chama ironicamente “turistas” (“touristes”, em francês). Tal como a Saudade, adquire feições ginecomórficas através do símile entre a cidade e uma nobre senhora doutros tempos: “o homem novo dessas larguezas arejadas, claras, recentes da América há de ver sempre com olhos meninos esta Europa velhinha (...) E gostei da senhora sabida, complicada, cheia de coisas, ameaçando perversões... Que deliciosos ‘beaux restes’!”¹⁸. Aliás, Guilherme de Almeida, que tinha chegado no inverno a Portugal, informa sobre a aparição da primavera na crónica “Colorida”, dedicada também a Lisboa, que vê como uma caixa de cores: “todas salpicadinhas de tintas, desta Europa estreita, apertada, aproveitada”¹⁹.

Numa leitura integral d’*O Meu Portugal*, ouvimos ainda o fado a chorar na noite de uma taberna maruja; visitamos o Teatro Nacional; vivemos os ecos do espírito do Carnaval com disfarces e charangas; inserimo-nos na Feira da Ladra, com um sem-fim de produtos usados e uma algaravia de sons; e percorremos ruas com nomes tão sugestivas como Saudade, Espera, Desterro, Fé, Milagre de Santo António, Gaivotas, etc. até chegar ao ponto mais emotivo: a Rua de São Paulo. Essa é para o exilado “a rua mais preciosa, de mais sugestivo, mais amado nome — onde, cada vez que piso as suas pedras parece que sinto um ritmo de berço, uma cadência de hino nacional, um compasso de passo de soldado que me embala e leva e leva e leva...”²⁰. Precisamente a propósito do “compasso do passo de soldado”, não podemos esquecer que Guilherme de Almeida é o autor da letra do hino constitucionalista de 1932, cujo nome original, “Marcha da Liga da Defesa Paulista”, ficaria popularmente substituído por *O Passo do Soldado*, com

¹⁷ *Ibidem*, p. 107.

¹⁸ *Ibidem*, p. 97.

¹⁹ *Ibidem*, p. 104.

²⁰ *Ibidem*, p. 144.

música de Marcelo Tupinambá (pseudónimo de Fernando Lobo):

Marca o passo, soldado, não vês,
Que essa terra foi ele quem fez;
Que seu passo é compasso seguro;
Seu passado, o presente e o futuro.
Vem, soldado, que grande tu és.

Tua terra se atira aos teus pés.
Estremece de orgulho e ergue os braços.
Ergue braços e beira os seus passos.

Marcha, soldado paulista,
Marca seu passo na história.
Deixa na terra uma pista,
Deixa um rastilho de glória²¹

O poema espelha a imagem de uma terra que ergue os seus braços, com coragem, esperança e entusiasmo, perante a passagem do batalhão, transformando todos os ouvintes em soldados. Por outro lado, o autor enaltece-se ali a si mesmo, pois sempre fez questão de mostrar o seu orgulho como um voluntário da revolução constitucionalista. Por sua vez, na crónica *Estoril*, a sua memória leva-o tanto a reencontrar-se com a modernidade urbana de São Paulo e a cidade de Guarujá, estância balneária do litoral desse estado, quanto com o que ele chama “grande Guerra” ou “epopeia de julho de 1932”, à qual aderiu desde o primeiro momento e cujo desfecho o empurrou ao exílio: um intenso inverno na Inglaterra tinha propiciado a coincidência dos desterrados paulistas com membros das classes abastadas inglesas para fugir do frio e Guilherme de Almeida não demorou em reproduzir na boca dos meninos de Estoril frases em inglês e em português paulista — note-se a colocação proclítica do pronome átomo em “Me dá um tostão!”. Aliás, o breve texto fecha-se com uma curiosa e pessoal adaptação do *Hino Nacional* brasileiro, substituindo em posição de rima o nome da sua terra de origem pelo daquela localidade costeira. Enquanto o refrão da letra original diz:

Terra adorada,
Entre outras mil,

²¹ Maria Elisa Pereira, *Você sabe de onde eu venho? O Brasil dos cantos de guerra (1942-1945)*. Tese de Doutorado defendida na Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde.../MARIA_ELISA_PEREIRA.pdf, consultada a 19 de junho de 2018.

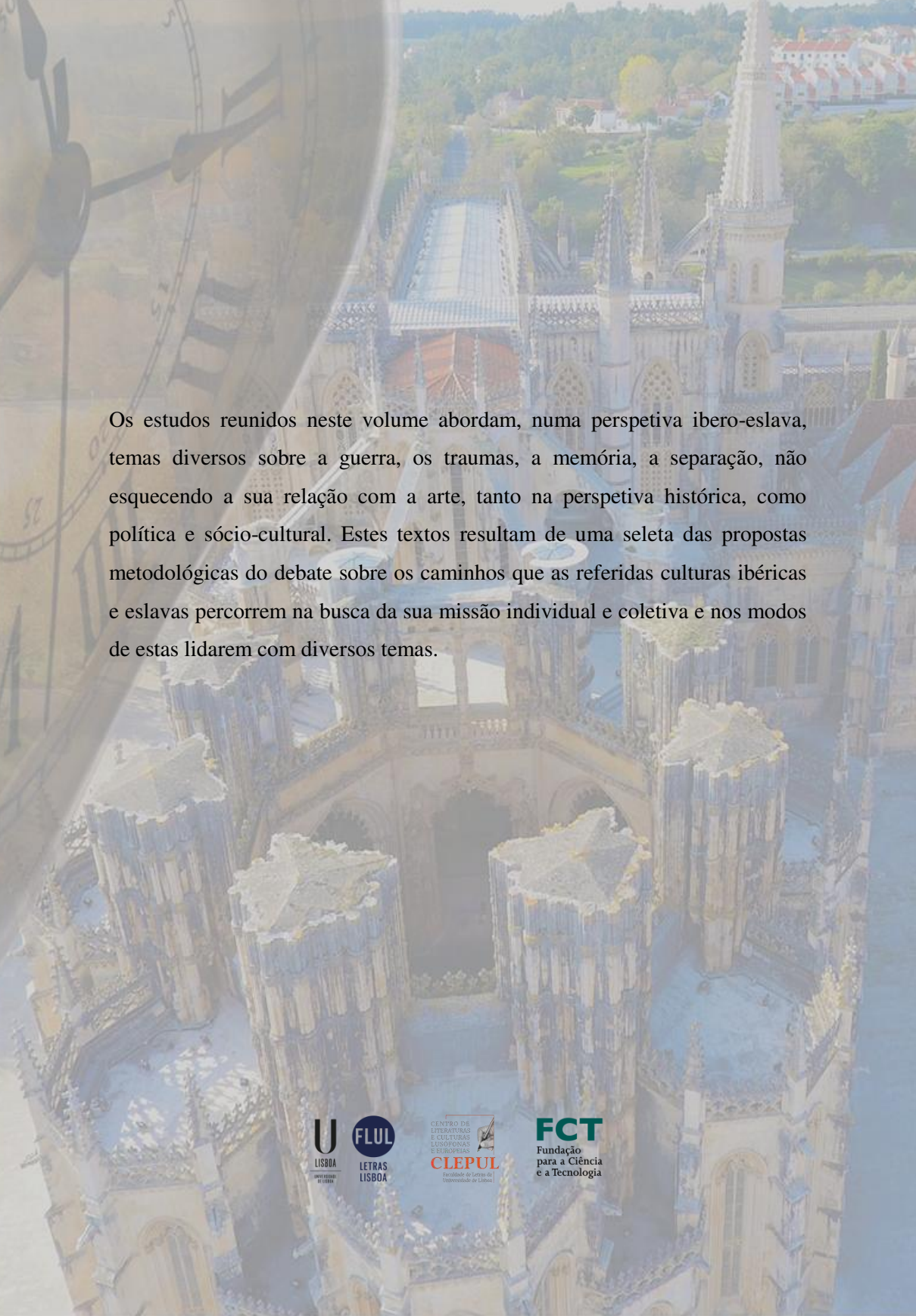
quadros dramáticos e musicais. Além disso, nele se escolheria “o melhor canto de guerra”, para o qual Guilherme de Almeida escreveu a letra padrão a ser musicada pelos candidatos²⁴.

O poeta Guilherme de Almeida procurou justificar a intencionalidade e o espírito que guiam esses versos redigidos para serem cantado pelos brasileiros nos campos de batalha. À pergunta de “Você sabe de onde eu venho?”, responde-se ali que a procedência é das selvas, dos cafezais, da choupana, das praias sedosas, das montanhas alterosas, do pampa, do seringal, das margens crespas dos rios, dos verdes mares bravios e, enfim, “da minha terra natal”. Pede-se a Deus não morrer sem trazer como divisa o V que simboliza a vitória e “a glória do meu Brasil”. O autor afirmou, de facto, que longe de pretender constituir um hino guerreiro, o texto pretende levar a terras estranhas a memória e o retrato sentimental da terra, reunindo melodias de todos os pontos do Brasil. E, ainda, como excelente conhecedor da arte da heráldica, o paulista em questão desenhou os brasões de armas de uma série de cidades, como São Paulo, Petrópolis, Volta Redonda, Londrina ou Brasília — para a qual, aquando da sua inauguração, compôs também um hino. Recebeu a “Medalha da Constituição”, condecoração instituída em 1962 pela Assembleia Legislativa de São Paulo e está sepultado no Mausoléu do Soldado Constitucionalista, obra do escultor italiano e ex-combatente Galileo Ugo Emendabili, construído em formato de cruz e cujo obelisco de 72 metros de altura e revestido de puro mármore travertino sobressai no entorno do Parque do Ibirapuera.

²⁴ Maria Elisa Pereira, *Você sabe de onde eu venho?...*, *op. cit.*, p. 26. Veja-se também a comunicação de Moacir Barbosa de Sousa, “Rádio e História — a indústria fonográfica e a música popular brasileira como fontes de estudos históricos”, in *V Congresso Nacional de História da Mídia*, São Paulo, Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V, 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0130-1.pdf>, consultada a 1 de julho de 2018.



Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT –
Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projecto
«UIDB/00077/2020»



Os estudos reunidos neste volume abordam, numa perspetiva ibero-eslava, temas diversos sobre a guerra, os traumas, a memória, a separação, não esquecendo a sua relação com a arte, tanto na perspetiva histórica, como política e sócio-cultural. Estes textos resultam de uma seleta das propostas metodológicas do debate sobre os caminhos que as referidas culturas ibéricas e eslavas percorrem na busca da sua missão individual e coletiva e nos modos de estas lidarem com diversos temas.

